

EDITORIAL

A nova percepção da Amazônia

“Inferno verde.” Até meados do século passado, os livros didáticos de geografia adotados no ensino básico brasileiro estampavam essa expressão quando se referiam à Amazônia. Fruto das impressões colhidas por antigos desbravadores, a definição fazia sentido ante as dificuldades que o meio físico impunha à penetração do homem branco na maior floresta tropical do planeta.

Obviamente, o meio físico não se transformou desde então, mas a percepção dos brasileiros em relação à Amazônia mudou radicalmente nas últimas décadas. Houve, é verdade, uma fase de intensa predação, tolerada e justificada pelos governos militares diante da necessidade de ocupação daquele vasto território.

Se é inquestionável que a ação predatória persiste, também é fato que iniciativas governamentais consistentes têm procurado refrear o seu ritmo e intensidade. Além disso, grandes empreendimentos industriais privados, localizados na Amazônia, têm sido implantados sob a premissa da ne-

cessidade de preservação ou recuperação do meio ambiente.

Essa mudança de rumo se deve à evolução do nível de consciência da sociedade brasileira, que exigiu a implementação de uma legislação ambiental mais rigorosa. Em relação à Amazônia, também contribuiu para isso a pressão internacional de entidades ambientalistas e até de importadores de produtos florestais, que pagam melhores preços para a madeira extraída de florestas corretamente manejadas. Convém lembrar que até 1994 o manejo florestal não existia na região.

No campo dos produtos de origem vegetal, a Amazônia oferece um enorme potencial a ser explorado pelo setor privado. Deve-se destacar que a marca Amazônia, por sua associação à biodiversidade, tem enorme força promocional que deve ser bem utilizada nas estratégias mercadológicas dos exportadores.

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) identificou oportunidades de negócios, à espera de investimentos, com amplo potencial de mercado tanto no plano interno como no externo. Segundo a FGV, na Amazônia Ocidental – que compreende os Estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima – o beneficiamento do guaraná,

utilização de madeiras de baixa densidade, fabricação de pré-cortados de madeira, piscicultura e produção de amido de mandioca são atividades que têm amplas perspectivas.

Roraima, com vastas áreas de cerrado, oferece condições para a produção de grãos, em especial a soja. Sua localização estratégica de proximidade com os mercados norte-americano e do Caribe também é uma vantagem para empreendimentos voltados à exportação. O principal entrave à implantação de projetos industriais no estado – a deficiência no suprimento de energia – está

superado com a compra de eletricidade gerada na usina hidrelétrica de Guri, na Venezuela.

No Acre, a FGV identificou como produtos potenciais o palmito da pupunha, as frutas tropicais como o açaí e o cupuaçu, o safrol da pimenta-longa, a madeira serrada e pré-beneficiada, a castanha-do-pará e artefatos de borracha.

Mas o potencial econômico da Amazônia não se restringe à biodiversidade. Suas riquezas minerais somente começaram a ser mapeadas e exploradas em tempos recentes e novas descobertas devem ocorrer à medida que forem desenvolvidas atividades de pesquisa. O melhor exemplo é a Província Mineral de Carajás, com suas imensas reservas de minério de ferro de alta qualidade. A região também é rica em bauxita (minério do alumínio), caulim, cassiterita (minério do estanho), ouro e outros.

Graças a essa riqueza, e à disponibilidade de energia fornecida pela hidrelétrica de Tucuruí, o Pará conta com grandes empreendimentos indus-

triais, como os da Albrás Alumínio Brasileiro S.A. e da Alumina do Norte do Brasil (Alunorte). Outro projeto anunciado é o da Usina Siderúrgica do Pará (Usipar), que vai produzir 2 milhões de toneladas/ano de ferro-gusa e 1 milhão de toneladas de aço.

A exploração das reservas de gás natural de Urucu, no Amazonas, mudará em breve o panorama energético do estado, com farto suprimento de eletricidade para Manaus, onde as indústrias eletroeletrônicas instaladas na Zona Franca registram faturamento anual superior a US\$ 10 bilhões.

Uma característica peculiar da Amazônia – assinalada no livro *O Novo Brasil* editado por este jornal – é que, pela circunstância de parte do seu território estar acima da linha do Equador, o Brasil é um país fincado em dois hemisférios.

Explorar o potencial da região, preservando sua diversidade natural, é um dos desafios do novo Brasil.

Para imprimir, enviar ou comentar, acesse: www.gazetamercantil.com.br/editorial

Explorar o potencial da região amazônica, preservando sua diversidade natural, é um dos desafios do novo Brasil

INSTITUTO

Documentação

SOCIEDADE

Fonte: M. (oprimido)

Data: 26/3/2003 Pg. 73

Class: 160